

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Titãs da Civilização

Ocidental 7



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 7

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Alexandre e César são dois dos maiores conquistadores da história, que partilham entre si mais do que apenas esta semelhança. Nesta aula, a trajetória de vida de ambos é exposta de forma a pontuar as virtudes e os defeitos que os levaram a ser quem foram, e de salientar o papel que o conhecimento histórico também desempenhou em seu processo formativo.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: vícios e virtudes que caracterizavam Alexandre; a importância do referencial histórico em sua trajetória; vícios e virtudes que caracterizavam César; a importância do referencial histórico em sua trajetória; a importância da leitura na formação do caráter individual.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, apresentei o Plutarco e construí o contexto em torno dele. Nesta oportunidade, conforme já havia anunciado, trataremos de seus livros e sobre como, de acordo com sua ótica, os personagens que biografou se desenvolveram em suas vidas.

Qual a ótica de Plutarco? Ele vai buscar desnudar a alma do biografado, encontrando as virtudes e os defeitos deste. Os atos que representam as virtudes. Os atos que representam os defeitos. Eu acho muito interessante notar a perspicácia dele de perceber quando é um ato isolado e quando é um hábito, pois é justamente isso que caracteriza virtude desde Aristóteles. Isso é muito interessante de ele contar a narrativa toda para ir mostrando como um determinado personagem repete determinados atos e como isso o caracteriza e como, por outro lado, ele também repete outros atos que o caracterizam para mau.

Repito que a edição que tenho em mãos é da Nova Fronteira, bem fácil de encontrar. Existem outras edições e uma especificamente, em português, com as obras completas das “Vidas Paralelas”. Eu não me recordo o nome da editora. Outras obras dele, algumas morais, inclusive aquela que eu disse que li, sobre educação de crianças, foram traduzidas recentemente por uma editora universitária. Eles disponibilizaram gratuitamente alguns PDFs e em livretinhos também. Parece que na *consciencia.org*, um site, eu não sei se saiu do ar, mas tinha digitalizado todas as “Vidas Paralelas”. Não é pirataria. É uma edição muito antiga cujos direitos autorais

já expiraram. Quanto às outras línguas, há uma edição completa em espanhol, muito bem traduzida, e em inglês tem várias. Gratuitamente, você encontra pela internet também, se quiser PDF. Em inglês, é muito fácil de achar várias edições diferentes.

Começemos.

ALEXANDRE

O primeiro passo para adentrarmos na obra acerca de Alexandre é olharmos os dados da cronologia. Onde Alexandre se encaixa? Estamos no século IV a.C., em 356 a.C... Alexandre morre em 323 a.C., portanto, com 33 anos.

Plutarco utiliza a cronologia, mas, para explicar determinados fatos, interpõe, na cronologia, detalhes que a quebram. Então, por exemplo, 'por isso na infância, que ele vai fazer tal coisa no futuro'. Plutarco vai contar cronologicamente a biografia, mas toda hora estabelece relações entre algo que aprendeu na infância, na adolescência, com um fato posterior. Do mesmo modo, lá no final, ele também vai recordar que certo aspecto parece estar relacionado com um evento anterior. Assim, Plutarco faz essas relações na própria vida do biografado.

A hereditariedade

A narrativa começa com a hereditariedade. Nas obras dele, é muito comum que faça uma investigação hereditária.

Isso me chama atenção porque, quando fui estudar Bonifácio, alguns autores, principalmente o Alberto Sousa, por exemplo, fez uma ampla investigação sobre a hereditariedade. Acho que ter consciência da hereditariedade faz parte de uma historicidade individual, saber de onde você veio, até em relação à sua própria família mais direta. Isso é uma forma de honrar pai e mãe, é não esquecê-los e conhecer um pouco da história familiar. Eu não diria que é obrigação de todo mundo. Quem tem essa curiosidade, vá em frente, faz muito bem.

Eu fiz essa explicação modernizada, mas, no caso aqui, costuma pegar o biografado e dizer de que Deus ele descende. Tem uma diferença. Quando vou ver quem são meus ascendentes, verifico que são pessoas normais ou algumas pessoas notáveis em algo. Nesta biografia, Plutarco inicia afirmando que Alexandre descendia de Hércules, do lado paterno. Do lado materno, dos Eácidas. Estes, por sua vez, são descendentes de Aquiles.

Essa leitura é um pouco demorada, porque é preciso pesquisar esses nomes, senão, torna-se muito obscura. Não vejo problema nenhum em você se centrar no grosso da narrativa e avançar sem investigar os vários personagens desconhecidos. Como já li muitas vezes, foi preciso haver a chata, de pesquisar cada termo.

Plutarco quis dizer, nessa primeira frase, que Alexandre, provavelmente, descendia de Hércules e de Aquiles. É um pouco invencível você descender por um lado de Hércules, por outro, de Aquiles. Já quer dizer alguma coisa. No início do livro, Plutarco toma o cuidado de afirmar que essa descendência, tanto do lado paterno quanto do lado materno, são uma opinião corrente. Ou seja, ele não encontrou nenhuma prova ou dado. Ele diz que é isso que circula.

Por mais que tenha mencionado a vocês que Plutarco leva em conta anedotas, histórias, uma certa tradição a respeito de como as pessoas receberam a história do biografado, ele aponta ou deixa mais ou menos claro de onde retirou a informação.

A mãe de Alexandre era a Olímpia ou Olimpíada, depende da tradução, e seu pai era o Filipe II da Macedônia.

Após trabalhar a questão da hereditariedade, Plutarco aborda a questão da família, da formação do casamento de seus pais e como este funcionava. Ele assinala que é muito importante, para personalidade daquele que virá, não só a ancestralidade, mas a maneira com que se relacionam pai e mãe e quem são pai e mãe.

O professor Frederico me perguntou, na aula anterior, se existia, por parte dele, uma visão de direito natural que está como fundamento das suas visões biográficas. Eu não sei dizer, pois não encontrei um livro no qual explique isso, mas sempre parece que ele segue esse percurso, o qual denuncia que subjaz uma compreensão de como se forma uma personalidade. Ele tem um livro “A conquista das virtudes”, então, provavelmente, há um etapismo muito claro para ele. Um dos aspectos é essa questão do pai e mãe.

Os sonhos

Há um outro dado. Plutarco conta muitos sonhos e algumas superstições. Para nós, de repente, vão parecer histórias sem grande sustentação, mas, para mim, e para o próprio Plutarco, creio eu, são histórias que mostram os valores daqueles personagens, o que exaltavam e o que desdenhavam. Plutarco também explica que os sonhos ficaram famosos e se celebrizaram porque foram contados para adivinhos

ou para o oráculo, a fim de interpretá-los. Com isso, outras pessoas ficaram sabendo dos sonhos.

A mãe de Alexandre, doravante Olímpíada, sonha que está dormindo e cai um raio, com grande estrondo de trovão, em seu ventre. Seu entorno pega fogo, ela ouve o estalar da fogueira e, depois, isso se dissipa. Então, Olímpíada tem esse sonho: um grande golpe de raio e, depois, um fogaréu em volta. Eles ficam pensando qual o significado disso.

Ao mesmo tempo, Filipe também tem um sonho. Neste, Filipe marcava o ventre da esposa com um sinete. Sinete é aquele instrumento que, antigamente, era usado para selar. Muitas famílias reais e famosos o usavam para colocar o emblema, o signo de sua família ou de sua posição ou, de repente, algo vinculado à questão que está sendo tratada. No sonho, Filipe usou um sinete e marcou um leão no ventre de Olímpíada. Esses foram dois sonhos que eles submeteram à apreciação de adivinhos. Plutarco insere as interpretações dos sonhos, que foram diversas. Para uma dessas interpretações, era preciso que Filipe tomasse conta de Olímpíada, porque, 'se você está querendo marcar o ventre, significa que você está preocupado em saber de quem é o filho'. Em relação ao trovão, foi feita uma interpretação mais baixa, de que Filipe precisava sossegar. Uma interpretação, que me pareceu mais interessante e acertada, afirmava que esse raios e labaredas estaria trazendo algo que está descendo do céu com uma extrema força, o qual apresenta relação com o ventre de Olímpíada. O sonho do sinete, por sua vez, por ter a representação de um leão, indicava que nasceria um rei poderosíssimo do ventre de Olímpíada, filho dele, Filipe. O adivinho principal, cuja interpretação julguei a mais interessante, apontou que Filipe precisava considerar que sua mulher estava grávida, porque nunca se marca um barco vazio. O adivinho diz 'é de todo inútil marcar barcos vazios'. Portanto, sua esposa está grávida. Depois, acrescenta que o seu filho terá a coragem de um leão. Essa interpretação, aparentemente, é a mais acertada. Eu achei interessante a preocupação deles com os sonhos.

Depois, Plutarco relata alguns outros sonhos. Não falarei sobre todos, pois acho que nos estenderíamos demais, mas quero mencionar que Filipe também sonhava frequentemente, o que o deixava preocupado, que um dragão dormia com Olímpíada. Sobre isso, os adivinhos lhe responderam que não era possível saber se aquele filho era dele ou de Zeus. Pelo menos, o filho de um deus. De qualquer forma, Alexandre ficou incomodado. Isso também denuncia, posteriormente, uma certa briga,

uma certa rixa, que Filipe vai ter com a Olimpíada e com o seu filho pela sucessão. Fato é que, desde a infância, Alexandre interessava-se por estudar e por dar demonstrações de que dominava tudo aquilo que fazia.

Tem uma anedota, uma historinha, que circulou muito na época, e ficou muito famosa. Primeiro, em relação ao nascimento. Alexandre nasce em um momento em que Filipe teve outras duas vitórias. Filipe vence uma corrida de cavalos e vence uma guerra. Além disso, nasce o filho dele. Então, é o dia das três vitórias. Observem quantas circunstâncias prenunciando grandeza. Plutarco reúne todas essas informações. Depois, Plutarco afirma - olhem a minúcia do estudo da personalidade - que o corpo e a expressão fisionômica de Alexandre já demonstravam uma nobreza. Ele diz que Alexandre tinha um olhar vivo e (acho que Plutarco deve ter bebido algo, não sei) um suor com bom odor. Nesse caso, ou Plutarco está exagerando ou eram as anedotas contadas a respeito de Alexandre, pois, à medida que uma pessoa vai ficando grande, as anedotas vão ficando cada vez maiores.

Juventude e primeiros traços

Plutarco aborda, então, as virtudes. Desde cedo, Alexandre se mostra temperante. Olhem que interessante. Alexandre é um grande conquistador e se mostra temperante. Em que consiste a temperança? É uma espécie de controle sobre as paixões. Na aula anterior, mencionamos Henrique VIII, um homem que não parece ter controlado muito as suas paixões. Pelo contrário, dava vazão, com muita força, a elas.

O Alexandre, por outro lado, é mostrado, desde a pré-adolescência, controlando as paixões e somente dando vazão a estas de forma um tanto controlada e racionalizada. Por exemplo, em relação às mulheres. Alexandre era um príncipe. Ele as respeitava e não queria deitar com qualquer uma. Em relação à mesa, tinha controle. Comia o necessário e não exagerava. Em relação a dormir, igualmente. Ele dormia só controladamente, em determinados horários, e o mínimo possível para ter saúde. Era um homem controlado. Na adolescência, temos tendência a esbanjar, principalmente no sono. E Alexandre já dava essas demonstrações.

Plutarco também cita uma maneira especial de lidar com a vaidade. Plutarco descreve que Alexandre não tinha a vaidade do sofista, como a tinha Filipe. Filipe gostava de, ao falar, ser muito aplaudido. Além disso, gostava de contar as suas vantagens de forma engrandecida. Alexandre era comedido nas palavras. Ele não

queria os aplausos fáceis, mas sim conquistas muito grandes. Plutarco diz que a vaidade de Alexandre tinha uma manifestação de amor à glória. Alexandre queria a glória das coisas muito grandiosas. Isso é denunciado também por uma fala dele proferida em sua juventude. Ele dizia 'eu sinto muito que o meu pai esteja conquistando tantas cidades, porque não vai deixar nenhuma para eu conquistar'. No final, o pai dele deixou um monte de cidades para serem conquistadas. A preocupação dele era essa: 'meu pai vai conquistar tudo e eu não vou conquistar nenhuma'. Sabemos que desde o ponto de vista cristão, a vaidade se constitui pela busca de glória sem que a dedique a Deus, sem que tenha nenhuma relação com Deus. É a glória pessoa. É a vanglória. Embora, no caso dele, não houvesse essa concepção cristão, Plutarco tinha uma certa visão da vaidade que é aquela visão de que você não quer a futilidade, não quer, justamente, o aplauso fácil, não quer que as pessoas sejam bajuladoras. Ele tinha muito cuidado com essa questão da busca da bajulação. Você quer o fato realizado.

É algo que Olavo de Carvalho explica, a diferença das camadas quatro, cinco e seis. Isso faz parte da Teoria da Personalidade do Olavo de Carvalho, não do Plutarco. Olavo afirma que algumas pessoas querem que as outras gostem delas. Isso é uma espécie de fragilidade, que chamamos de camada quatro. A vaidade dessa pessoa vai se manifestar da mesma maneira. Ela vai se sentir gloriosa na medida em que as pessoas a amam e gostam dela. Na camada cinco, segundo Olavo de Carvalho, a pessoa tem o desejo de provar para si mesma que é boa, que saber fazer as coisas, que é capaz. Neste caso, a pessoa vai buscar uma certa superação, deixando de lado, até, se as pessoas gostam dela ou não. A pessoa vai buscar a prova, para si mesma, de que é capaz. Na camada cinco, a pessoa ainda busca um pouco de glória vã e fácil, porque, ao receber aplausos, pensa que é capaz e se sente feliz. Na camada seis, por sua vez, há a exigência de resultado prático, de efetividade. Aquilo precisa acontecer no mundo real. Essa pessoa não vai se preocupar muito nem com se as pessoas gostam dela nem com se é capaz. A pessoa quer saber se vai ter o resultado. Esse é o tipo de vaidade. Ainda que não seja a vaidade cristã, na melhor forma, dedicada a Deus e moderada. Uma busca pela glória de tipo moderado justamente pela visão voltada a Deus.

Com isso, percebemos que Alexandre tem uma vaidade, pelo menos, de camada seis ou sete. Olavo afirma que as pessoas que estão nas camadas dez e onze, almejam poder e querem entrar para história. Essa visão aparece muito cedo

em Alexandre. Este está na camada seis, que é de resultado, quando é adolescente. Mostrarei isso contando uma anedota. Queria esse resultado tendo em vista fixar seu nome na história. É muito precoce. É muito raro encontrar meninos de onze, doze, treze anos pensando 'eu quero entrar para história'. Tudo bem que Alexandre era um príncipe, o que facilita para pensar assim. Contudo, já era precoce.

O pai dele, Filipe, achava-o genial. Há a anedota do cavalo, uma das mais famosas, a qual conta a seguinte história: Filipe adquire um cavalo que era considerado fantástico, de uma raça excelente, de uma raça excepcional. No entanto, ninguém conseguia domá-lo. Todo mundo que chegava perto do animal, era hostilizado por ele. Quem tentava montá-lo, caía. Era impossível. Chegaram à conclusão de que seria preciso vendê-lo, infelizmente. Ele pode ser muito saudável, muito forte, muito veloz, mas ninguém consegue. Alexandre, na época, tinha treze anos. Ele fala 'pai, você vai se livrar desse cavalo? De jeito nenhum'. O pai lhe responde 'é claro que vou me livrar dele. Nenhum dos nossos peritos em domesticação de cavalo consegue lidar com ele'. Alexandre o contrapõe 'eu consigo'. O pai dele o encaminha para um lugar mais reservado e fala 'você está percebendo que é um coisa ruim de sua parte achar que com essa idade, com sua inexperiência, você vai ser melhor do que as pessoas treinadas e peritas?'. Alexandre replica 'Mas eu garanto que faço'. Filipe faz um acordo com Alexandre 'tá bom. Vamos fazer assim. Você vai tentar. Se você não conseguir, você vai pagar o valor do cavalo. Certo? Você vai arcar com o prejuízo e vai pagar o valor do cavalo para eles.' Alexandre aceita. Alexandre se aproxima do cavalo e percebe que este está com medo da própria sombra. Por isso, pega as rédeas e o vira para o sol. Com a voz, ao mesmo tempo em que o acaricia, Alexandre vai acalmado-o. Depois, consegue subir no cavalo e, firmemente, começa a controlá-lo. Ele dá uma corrida montado no animal e retorna com uma atitude altiva de quem conseguiu o que queria. Então, um menino de treze anos superou todos os peritos em domesticação de cavalo. O pai dele quase chorou e afirmou que aquele reino era pouco para ele. Esse cavalo ganhou o nome de Bucéfalo e permaneceu com Alexandre durante um bom tempo, até o período em que, já adulto, está conquistando territórios. O cavalo faleceu em uma das campanhas e, após sua morte, Alexandre deu a uma cidade o nome de Bucefália, em sua homenagem.

Com o que vimos até aqui, acredito que tenha ficado claro tudo que expliquei na aula anterior vai ficando claro. Plutarco realmente pega historinhas e trabalha a

virtude. Se eu fosse abordar tópico por tópico, não teríamos tempo de aprender sobre as duas vidas a que nos propomos. Por isso, vamos avançar um pouco no tempo, até a fase em que Alexandre já é aluno do Aristóteles.

O aluno de Aristóteles

Alexandre se torna aluno de Aristóteles por volta de seus dezoito anos. Nesta época, Aristóteles já havia ido estudar na Academia platônica, na qual entrou com seus dezessete anos. Com seus mais de trinta anos, Aristóteles retornou à Macedônia para ensinar Alexandre. Entre eles, estabeleceu-se uma relação filial. Alexandre dizia, inclusive, que 'meu mestre é tão pai quanto o meu pai. Na verdade, ele é mais importante, porque meu pai só me deu a vida, enquanto meu mestre me deu a vida superior'. Olhem a frase dele de gratidão a Aristóteles.

Segundo Plutarco, Aristóteles ensina ética, política, astronomia, geografia, estratégia de guerra, a Alexandre. Contudo, futuramente, Alexandre e Aristóteles têm uma diferença. Ocorre, aqui, aquilo que falei, a cronologia vai avançado e Plutarco faz algumas interposições. A diferença é a seguinte. Havia certos ensinamentos que Aristóteles transmitia somente aos seus alunos diretos, uma espécie de ensino secreto. Quando Aristóteles começa a produzir textos sobre esses conhecimentos, que muitos dizem corresponder ao livro "Metafísica", Alexandre lhe envia uma carta, na qual declara 'eu me orgulho mais daquilo que aprendi com você do que das conquistas militares. Eu me envaideço mais de ser superior pelo conhecimento do que ser superior militarmente. Então, por favor, não divulgue os nossos conhecimentos. Não escreva a respeito disso. Deixe alguns só para nós'. Alexandre tinha essa questão de querer divulgar exclusivamente a formação básica, mas não a secreta.

Há alguns aspectos que me parecem questionáveis na narrativa de Plutarco. Plutarco escreve que esses estudos correspondem a um livro que ia além da natureza. Provavelmente, trata-se do livro que conhecemos como "Metafísica". Só que Plutarco também descreve que Aristóteles estava redigindo esse livro que vai além da física de forma cifrada, pois foi essa a sua resposta a Alexandre, de que ficasse tranquilo porque apenas aqueles que fossem 'dos deles' o entenderiam. No entanto, "Metafísica" não é exatamente um livro de anotações cifradas ou de segredos transformados em símbolos. É um livro compreensível. Por isso, parece-me um livro diferente. Se foi uma resposta para ludibriar Alexandre, tudo bem. Se não foi, não é

esse livro, uma vez que “Metafísica”, embora não seja um livro fácil, simples, é compreensível.

A relação com o pai

Depois de toda essa formação, há um problema familiar. O pai dele, Filipe, muitas vezes tinha relações extraconjugais. Nas famílias reais, isso gera um problema porque, caso haja geração de outros filhos, estes pensam ‘eu sou filho do rei também. Então, eu tenho direito’. É isso que acontece. Quando Filipe tem outro filho com uma mulher de família nobre, os familiares desta começam a espalhar que o filho dela seria o rei. Alexandre fica nervoso. Há uma guerra interna. Certa vez, quando estavam bebendo juntos, Filipe aceitando brincando esses boatos, dizendo ‘Ah, meu filho que vai ser rei’. Alexandre levantou a voz para seu pai e respondeu ‘está me respeitando? Está me chamando de bastardo?’ Isso, na verdade, é pouco. Alexandre fala impropérios e palavras duras para seu pai. Este se levanta e caminha em sua direção, desembainhando a espada. O pai tropeça, graças a Deus, pois parece que haveria uma luta ali. Alexandre, ainda hoje, fala ‘Olha aí, esse homem que tropeça de bêbado quer ser o rei do mundo. Eu vou me afastar de você’. Alexandre, de fato, afasta-se dele, e fica em uma situação muito complicada. Posteriormente, ele tenta se reconciliar com o pai, mas não dá certo. Tempos depois, no momento em que seu pai é assassinado, Alexandre toma o poder, com cerca de vinte anos.

Assumindo o poder

Quando assume o poder, Alexandre tem, diante de si, uma Macedônia com problemas internos e perigo de rebeliões, pois seu pai, Filipe, havia feito incursões bélicas. A Macedônia havia conquistado territórios tanto no norte da atual Grécia quanto ao norte das ilhas do Mar Egeu. Nessas localidades, havia princípios de rebelião. O Alexandre tinha essa dificuldade em mãos. Os “sábios” da época o aconselharam a conversar com as pessoas e pacificar essas regiões. Imagina se Alexandre fosse um rei fraco?! No entanto, ele se opõe a essa ideia e proclama ‘De jeito nenhum! Eu vou até lá, eu vou àquelas cidades, vou mostrar quem manda e vou continuar arregimentando soldados para que as minhas expedições continuem’. Onde havia foco de rebelião, Alexandre a destruía. Em geral, quando os participantes da rebelião, que haviam se insurgido contra ele, arrependiam-se, ele os perdoava. Entretanto, se não havia arrependimento, convertia-os em escravos e vendia. Essa

prática de tornar as pessoas escravas e as vender era muito comum nessa época e também posteriormente, em Roma. Veremos que com César isso também vai acontecer.

Ricardo Román Blanco, um autor espanhol, ao estudar as bandeiras paulistas, afirmou que estas apresentam mais relação com as expedições macedônicas e romanas do que com qualquer outra coisa. Isso porque os tupis e os portugueses criam uma cultura própria e apresentam um inimigo em comum. Quando o invadiam, escravizavam esses índios para vendê-los, a fim de sustentar suas cidades em marcha, as quais objetivavam estabelecer novos territórios. É uma analogia interessante. Ricardo deu aulas na USP, onde foi muito hostilizado por ir contra o marxismo reinante na década de 1950. Vocês imaginem que já faz tempo essa luta. De qualquer modo, é uma teoria bem interessante.

As Virtudes

O Alexandre avança sobre diversas cidades e há vários eventos curiosos. Alguns destes explicitam suas virtudes e defeitos. Dentre as virtudes que são apresentadas, inclui-se a generosidade. Na aula anterior, eu havia anunciado que a generosidade do Alexandre é destacada. Quando conquistava territórios, por exemplo, distribuía tudo entre seus generais e capitães. Por vezes, não só distribuiu as riquezas, como deu tudo e não ficou com nada para si. Percebemos que se Alexandre tinha algum pecado, não era a avareza. A única coisa que Alexandre queria era justamente a lealdade deles. Ele está preocupado com o sucesso de suas expedições.

Outro ponto é essa preocupação cultural dele, formativa. Eu também já havia comentado que ele gostava de abrir escolas. Alexandre fundou algumas Alexandrias e deu a cidades nomes de seus próprios generais. Ele fundava bibliotecas e escolas, sempre com um ensino literário, muito vinculado à Ilíada e ao teatro grego. Alexandre era generoso tanto no sentido de recursos econômicos quanto no sentido cultural. Excetuando-se o aspecto de os segredos guardamos entre nós.

Um outro dado interessante é que Alexandre era estudioso. Plutarco sempre o mostra como um grande aluno de Aristóteles. Um homem dedicado. Alexandre fazia questão de carregar dois itens para todos os lugares para onde viajava. O primeiro era sua espada. Uma espada especialmente feita para ele, a qual colocava em sua cabeceira. O segundo, que também ficava em sua cabeceira, era uma cópia da

“Ilíada”, corrigida pelo próprio Aristóteles. Alexandre dizia que era o livro dos segredos de guerra. Naquele livro que ele aprendeu tudo. Então, ainda que não fosse mesmo descendente de sangue de Aquiles¹, pois isso era uma lenda, Alexandre era um descendente espiritual das ideias e da bravura do Aquiles. Ele lia e relia a “Ilíada”.

Vocês têm noção disso? Eu conheço uns senhores que foram educados em outra geração, em boa língua portuguesa, em escolas de ponta aqui do Brasil e de Portugal, que recitam “Os Lusíadas”. Um continua do ponto no qual o outro parou. Há pessoas que, de fato, têm “Os Lusíadas” memorizado. Acho que essa é a maneira moderna mais próxima do que seria um grego estudioso da “Ilíada”.

Provavelmente, Alexandre sabia “Ilíada” de memória, mesmo porque, era musicado, justamente para facilitar a tarefa memórica. Ou é por causa disto, eles criam a música para memorizar, ou já era naturalmente musicada e facilitava, por sua vez, a memória. Eles conseguiam memorizar o texto completo. A tarefa de formação, a alfabetização, era feita com base na poesia, no poema grego.

Virtude. Virtude. Virtude. Ainda falarei de mais uma virtude exemplificada e depois passaremos aos defeitos, caso contrário, parece que Alexandre é uma espécie de santo na Terra.

A temperança, voltemos a ela, mostra-se, depois, mais uma vez.

Alexandre enfrenta primeiro um povo egípcio. Depois, um povo oriental e, depois, os persas. No primeiro enfrentamento contra os egípcios, quando seus soldados queriam atacar o lugar e estuprar as mulheres, Alexandre condenou-os e os proibiu, um cenário que se repetiu, posteriormente, no oriente. Com os persas, a história é muito interessante, porque Plutarco descreve as mulheres persas de uma forma, como se fossem as mais bonitas do mundo. Até hoje, as mulheres persa têm fama de serem bonitas². Então, são tradicionalmente consideradas mulheres muito bonitas. As mulheres persas eram muitos atraentes. Em um dado momento, em que estão lutando contra os persas - daqui a pouco abrirei um parênteses para explicar como Alexandre conseguiu vencer um exército mil vezes mais numeroso -, conseguem aprisionar a esposa e as filhas do rei, Dario III³. Elas eram belíssimas.

¹ Mário Ferreira dos Santos dizia que os gregos são ruins de história. Então, como só conseguem lembrar de duas ou três gerações, para o resto inventam deuses. É a explicação do Mário Ferreira dos Santos.

² A Pérsia estava localizada onde atualmente estão o Irã e o Iraque.

³ Este não é o Dario pai do Xerxes, o qual já havia deixado o poder há muito tempo.

Todos os soldados ficaram abismados. Alexandre ordena 'tirem-nas daqui e tratem-nas bem'. Ou seja, elas devem ser bem tratadas, ninguém deve encostar nelas e as tirem de perto de mim, porque não quero vê-las. A esposa e as filhas são cuidadas até o final, quando Alexandre, de uma forma quase impossível, vence. As batalhas quase sempre eram de três persas para um grego.

Embora os macedônios tivessem uma certa diferença em relação aos gregos, utilizei esse termo porque estes foram cooptados, por Alexandre, para o exército. Quando assume o poder, Alexandre vai de cidade em cidade grega. Se, por um lado, ele era generoso, por outro, era bravo. Alexandre exterminava os focos de rebelião e matava quem fosse preciso. De resto, distribuía as riquezas e punha a cidade para funcionar. No caso de Atenas, começou a falar bem da cidade, 'Atenas é de onde vem a nossa alma. Atenas é alma do mundo'. Isso fez com que os atenienses se acalmassem. Com isso, Alexandre coopta gregos para o exército dele. Por isso, acabamos chamando todo mundo de grego, porque, a princípio, os macedônios tinham uma diferença cultural bem grande, bem notória.

Essa temperança e esse êxito na estratégia de guerra também foram denunciados em uma anedota da sua juventude. Quando o pai dele viajava, Alexandre virava uma espécie de Chanceler. Além disso, quando havia uma visita de emissários persas, era ele quem os atendia, ainda jovem, antes de se tornar rei. Portanto, por volta de seus dezessete anos. Plutarco conta que Alexandre os recebia muito bem, era muito espirituoso e sabia ler a personalidade do sujeito com quem estava falando e ser agradável de acordo com ela. Os brasileiros, por exemplo, fazem piada com todo mundo, mas, às vezes, trata com alemães e japoneses que não têm muita vontade de ficar ouvindo isso. Então, é preciso saber com quem você está lidando. Mais do que lidar bem com os persas, Alexandre fazia perguntas muito inteligentes como 'quanto tempo você levou para percorrer tal trajeto?', 'Ouvi dizer que vocês plantam x alimento, como vocês fazem para produzi-lo e prepará-lo?'. Não eram perguntas bobas. Ele fazia perguntas para saber como os persas produziam, onde estavam as produções, quais eram as distâncias. Ou seja, estava olhando para o futuro. Os persas ainda saíram extasiados com a conversa e falando bem do Alexandre para Pérsia. Alexandre conseguiu coletar uma série de informações que, posteriormente, fragilizou-os. Ele sabia onde se esconder, onde destruir para que não tivessem suprimentos, ele tinha muitas informações. Olhem a estratégia dele, jovem,

com dezessete anos. Isso é muito precoce mesmo. Por isso afirmavam que ele era filho de deuses.

Agora, passemos aos problemas.

Os defeitos

Naturalmente, Alexandre teve problemas com a ira. Além de eventos de briga interna, ele mandou matar certas pessoas. Em alguns momentos, a temperança dele falhou com a bebida, por ter bebido demais. Ele teve também uma certa obstinação nessa vaidade, nessa busca por glória. Alexandre era muito estratégico e muito providente. Parece que tinha muita facilidade de prever o que ia acontecer décadas depois, mesmo tendo durado tão pouco. Ele formava escolas não só porque era generoso, mas também porque era prudente. Os jovens que ingressavam nas escolas recebiam certo treinamento militar. Assim, os velhos homens que aposentava eram substituídos por estes outros, os quais havia treinado, para continuar guerreando até o fim da vida. Percebam como ele pensava. Alexandre voltava, cooptava esses homens formados por suas escolas e ia embora. Ele queria conquistar a Índia.

Teve algumas batalhas em que não conseguiu substituir suficiente os homens e também não premiou adequadamente aqueles que estavam com ele. O que aconteceu? Com sua obstinação, ele os cansou. Havia gente morrendo de cansaço, de fome. Os homens desmaiavam. De onde ele tirava essa energia, eu não sei. Ele não queria parar. Ele queria avançar sobre rios impossíveis. Com isso, as pessoas começaram a ficar contra ele. Esse é um evento.

Alexandre chegou ao norte da Índia, passou pela Babilônia e foi se tornando uma espécie de rei. Quando conquista o Egito, este estava sob domínio persa. Bem da verdade, quase tudo era colônia persa, da Ásia Menor até o norte da África. Alexandre foi conquistando tudo até chegar na Pérsia e vencer os persas de fato. No entanto, conforme disse, até então, era tudo colônia persa. Os egípcios ficaram tão felizes de serem libertos dos persas que chamaram Alexandre de Faraó. Ele gostou disso. Aí, há também uma espécie de queda por vaidade, porque Alexandre se orgulhava muito de toda sua formação grega, sua formação ateniense, vinda de Aristóteles, mas, ao ser chamado de Faraó, pensou 'a cultura deles não é tão ruim assim'. A partir desse momento, inventou aquela história de que, em cada lugar, um de seus homens devia casar com uma mulher local, para que os filhos fossem uma mescla.

Esse é outro aspecto que Ricardo Román Blanco, aquele autor espanhol que veio estudar na USP, apontou como análogo entre os portugueses e os macedônios, porque geralmente havia essa mescla aqui. Os paulistas casavam com mulher local.

Isso tinha vários objetivos. Um deles é, obviamente, harmonizar o melhor das duas culturas. Isso é uma espécie de desenvolvimento, quando a cultura não é muito ruim, lógico. Outro é cooptar todo mundo para seu lado, porque a sua guerra se torna também a guerra deles. Então, era uma decisão extremamente inteligente. Cada um dos seus generais se entrosava com as culturas locais. Isso formou uma bagunça que misturava grego com a cultura local. O resultado era uma espécie de substrato grego com uma superficialidade local. Esse substrato grego passou a estar presente em todos os cantos. Essa é a ideia do quinto período da história da Grécia. Por isso, chamado helenístico e não mais helênico.

O fim

O fato de Alexandre frequentemente exaurir as pessoas gerou uma série de intrigas e, quando, com 33 anos, com aquela energia, ele morreu de uma febre, surgiram diversas anedotas. Que febre foi essa? Será que não o envenenaram? Afinal, ninguém aguentava mais. Foram, pelo menos, mais de quinze anos de guerra contínua. Ainda por cima, Alexandre gostava de lutar com os mesmos generais. Então, a possibilidade do envenenamento existe. Plutarco interpreta que não. E, de fato, Alexandre contrai uma doença exótica, o que também é possível. De acordo com o raciocínio antigo, não foi envenenamento, uma vez que o corpo dele não se putrefez rapidamente, não ficou podre nem fedendo. Após a sua morte, o corpo permaneceu normal por um bom tempo. Os venenos que Plutarco conhecia teriam deteriorado o corpo velozmente. Ele considerou este um indício de que a morte de Alexandre não foi causada pela traição de um de seus generais que o envenenou.

Alexandre tem muitas anedotas interessantíssimas. Eu não vou resistir a contar mais uma delas, mas, depois desta, precisamos nos encaminhar para o César.

Outra anedota extremamente interessante acontece quando Alexandre chega na Índia e se dá conta de que os hindus têm a tendência de se acharem muito sábios, de entenderem o seu saber como superior, de considerarem que conheciam mais do que os outros. Além disso, percebe que estes sábios indianos - não sei se vocês sabem, isso acontece até hoje - formavam comunidade que, no Brasil, diríamos quase messiânicas. É uma espécie de Antônio Conselheiro para cada lado, mas é hindu,

com meditação e tal. Esses sábios conseguiam por uma comunidade inteira para lutar até a morte contra os macedônios, contra os gregos. Um dia, Alexandre ordena a morte de noventa deles. Só para vocês terem uma ideia. Em outra ocasião, Alexandre pediu aos seus intérpretes que chamassem dez desses sábios para uma conversa.

“Fez prisioneiros dez ginossófitas⁴ que haviam contribuído para uma revolta específica [a revolta de Sabas] tendo sido causa de muitas contrariedades para macedônios. Como fossem famosos pela exatidão e sutileza de suas respostas, o rei formulou umas questões que pareciam insolúveis, declarando que faria morrer primeiro aquele que respondesse mal e os outros sucessivas e escolheu o mais velho entre eles para ser juiz. Perguntou ao primeiro qual era o maior número, o dos vivos ou o dos mortos”. Ele responde: “o dos vivos, pois os mortos não existem. Ao segundo, se era a terra ou o mar que produzia animais maiores”. O sábio responde: “a terra, pois o mar é apenas uma parte da terra”. Ao terceiro, perguntou “qual é o menor dos animais?”. O terceiro responde: “aquele que ainda não é conhecido pelo homem”. Ao quarto, perguntou o seguinte: “qual é o motivo que os fez instigar Sabas à revolta?” e o quarto responde “para que vivesse com glória ou morresse miseravelmente”. Alexandre pergunta ao quinto: “o que vem primeiro, o dia ou a noite?”. O quinto responde: “O dia, mas só de um dia precedeu este a noite”. Estranhando o rei essa resposta, o quinto acrescentou que perguntas extraordinárias precisam de respostas extraordinárias. Alexandre foi ao sexto e perguntou: “qual é o meio mais certo para se fazer amar?”. A resposta foi: “Não se fazer temer, mesmo quando se é o mais poderoso dos homens”. E o pessoal pensa que essa questão só vem com Maquiavel. Claro que a resposta está bem diferente e dada por um indiano. Ao sétimo: “interrogado sobre a maneira pela qual um homem pode tornar-se Deus, respondeu: fazendo o que é impossível ao homem fazer”. Ao oitavo, “a pergunta de qual seria mais forte, a vida ou a morte, respondeu: a vida, que suporta tantos males. O último, sobre até que idade é bom viver, declarou: até ao momento em que não se julgue a morte preferível à vida”. Algumas respostas foram muito ruins. Outras, inteligentes, no sentido de que não podemos dizer que estão erradas. Alexandre que aquele escolhido como juiz faça seu pronunciamento. O juiz diz: “todos responder,

⁴ Ginossófitas é uma palavra grega que designa sábios que vivem nus. Sofista é sábio. A palavra também é utilizada para designar os adversários de Sócrates, aqueles que diziam que sabiam ou achavam que sabiam e não sabiam. No presente caso, o termo está sendo empregado na primeira acepção.

cada qual pior que o outro. Alexandre afirmou, por sua vez: deves, pois, por esse belo julgamento, morrer primeiro. E o velho replicou: absolutamente não. Se não faltares a tua palavra, pois dissestes que farias morrer primeiro aquele que respondesse pior”. No final, Alexandre deu vários presentes a eles e os mandou embora.

Vemos que a curiosidade acerca da sabedoria do oriente é muito mais antiga do que pensamos. ‘O que será que eles pensam? Será que são superiores mesmo?’. Alexandre estava muito curioso intelectualmente para saber as respostas. Alexandre acabou falecendo antes de conquistar a Índia, como queria.

Essa é a vida de Alexandre. Vemos mesmo a vida de um conquistador, de um estadista, de um líder militar, de um líder de um povo. Um líder que era, também, estudioso, estratégico e que, embora tenha morrido cedo, foi provavelmente o maior conquistador do mundo antigo.

CÉSAR

Contextualização

Historicamente, César se encaixa justamente na transição do segundo para o terceiro período da história romana, o qual corresponde à crise da República e a transformação de Roma em um Império.

Além de novamente mencionar os aspectos hereditários, e afirmar que César descende, em alguma medida, de Júpiter, Plutarco inicia sua biografia fazendo uma contextualização e indicando em que circunstância César se encontra nesse momento. César está em um contexto em que Silas e Mário estão brigando. Ou seja, a instabilidade política é tão grande que há uma guerra civil. Júlio César é vinculado ao lado de Mário, que está levando a pior. Plutarco mostra claramente que se está em uma fase de crise da República romana, na qual dois partidos, quase que equivalentes, estão lutando. Um deles já está começando a entrar em decadência. O partido decadente, de Mário, é justamente aquele de que César faz parte.

César versus Alexandre

César tem quais elementos semelhantes a Alexandre para que suas vidas sejam paralelas? Um primeiro ponto em comum é que César vai edificar sua vida como um líder militar expansionista, portanto, um conquistador. Ao mesmo tempo, César vai ser um homem muito culto, com muito orgulho dos estudos, orgulho da

capacidade oratória, de leitura. Vai ser, também, uma espécie de líder do seu povo, afinal, vai exercer vários cargos na República romana, incluindo o cargo de pontífice, de liderança religiosa, e, posteriormente, de Cônsul. Depois, tornou-se ditador e, por último, ditador perpétuo. Então, vai ser um líder romano. Essas são as semelhanças dos dois.

Quais são as diferenças desde esse ponto de vista? Iniciei com esse assunto pois, na infância, já há dessemelhanças. A dessemelhança mais notável é: Alexandre era filho de um rei. César, não. Ele pertencia a uma família relativamente modesta. Por mais que pudesse ter ascendência divina ou qualquer coisa do tipo, a família dele tinha ligação com um dos partidos, mas era uma família modesta. César é um homem que precisa subir da vida do zero. Isso nos traz um ponto engraçado. Alexandre morre com 33 anos, enquanto César tinha seus cinquenta e tantos anos quando veio a falecer. César conquista mais tardiamente aquilo que Alexandre conquista desde cedo. Com isso, Plutarco dá a entender que: um, você pode chegar a uma quase equivalência com um antecessor seu, desde que você tenha paciência; dois, se você começou atrás, dependendo da velocidade com que você caminha, pode chegar lá. Então, é uma questão de velocidade e de ter calma.

Sobre isso, Plutarco conta uma anedota. Em um dado momento, César havia sido nomeado governador de uma província no oeste europeu e, ocupando este cargo, passou por uma estátua que havia sido erguida em homenagem a Alexandre. César tinha 33 anos. Ao olhar para a estátua de Alexandre, chorou, pensando que, com a idade dele, Alexandre já havia feito tudo aquilo. 'Eu sou só um governadorzinho de província'. César vê a si mesmo ali, mas sente uma certa inferioridade.

Nisto, vejo uma certa exposição da teoria de progresso moral do Plutarco, de como você deve olhar de forma comparativa para os antigos. Deve-se perceber o que fizeram, aprender com eles, mas também ter a humildade de perceber que, às vezes, dá tempo de fazer algo equivalente.

Equivalente, mas, como disse a vocês antes, na aula sobre a vida de Plutarco, acho que este favorece um pouco Alexandre, por achar que foi superior. Mas, nota-se que há muito paralelismo. Então, alguma equivalência há. César percebe isso.

A fuga

Até César se tornar governador, há todo um percurso. Por isso, voltemos no tempo. Na crise da República romana, quem está no poder é Silas, e as pessoas ligadas ao Mário estão sendo assassinadas.

As pessoas falam que hoje há polarização. Eu fico impressionado, pois parece que não estudaram história. Polarização com violência é outra coisa. A polarização já esteve de forma mil vezes mais violenta até mesmo no Brasil. Qual o problema se existe uma polarização por diferença de opinião e as pessoas que estão discutindo ficam bravas? Democracia tem isso. Você tem que aguentar ser incomodado e tem que saber que você vai incomodar. Não é todo mundo que vai gostar de você. Se você se afirmar, algumas pessoas não vão gostar de você.

No caso do César, as pessoas estavam sendo perseguidas e assassinadas. César era jovem. Ele tinha cerca de vinte anos e percebe que, se ficar ali, vai morrer. Mesmo porque Silas já havia notado que ele era diferente. Para Silas, César era um homem ambicioso e seria o futuro Mário. Ninguém acreditava porque era um rapaz quieto. César gostava de se capacitar como orador. Ele gostava de falar bem, de ler, de ter um bom latim. Todo mundo achava que ele era um rapaz tranquilo. O Silas percebeu que César tinha algo superior. Diante desse cenário, César resolve ir embora. Ele foge para longe e se alista em um exército romano distante. Como um é homem anônimo e estão precisando de soldados, aceitam-no. Assim, César inicia sua carreira militar, recebendo treinamento.

O retorno

Passado um tempo, cria-se um contexto favorável para seu retorno à Roma. A situação estava pacífica pois Silas descobre que familiares de César estava a seu favor e traíndo Mário, o qual era primo deles. Com isso, Silas resolve poupar a família de César, o que permite a volta deste. No trajeto para Roma, César é sequestrado por piratas. Ao saber que estes vão exigir uma determinada quantia por ele, César fala 'só isso? Tem que pedir muito mais. Sou eu. Vocês não sabem quem eu sou? Eu não sou só isso, respeitem-me'. Eles dão risada e o acham meio doido. Até porque César jogava com eles, fazia poemas, treinava, fazia ginástica. Era um sequestrado tranquilo, sem medo de nada. Quando brincavam entre eles, César dizia 'vocês podem deixar quieto que quando eu me libertar eu vou crucificar um por um'. Eles davam risada, como se fosse piada. Ao irem entregar César para sua família, eles pedem mesmo uma quantia maior para o devolver. Feito o pagamento, César uniu-

se a uma determinada cidade, na qual avisa que esses piratas existem, que são perigosos e vão continuar assaltando. César vai atrás deles, prende-os e os submete a juízo. Com toda sua oratória, cria um discurso para mostrar como esses piratas eram perigosos. No final, eles são condenados à crucificação. Percebiam quem é o César. Os piratas estavam pensando que tinham feito um amigo e César de fato os crucificou. O Plutarco ainda diz que ele foi generoso - ele adora essa! - porque, vendo-os crucificados, falou para que os matassem rapidamente, cortando sua garganta. Então, não deixou esses homens sofrendo até morrer. Ele pediu para que cortassem as gargantas. Essa foi a demonstração de amizade.

Com o tempo, Silas começa a decair e morre. Há uma sucessão de poder e César, nisso, querendo alçar mais poder. Por isso, ele se candidata ao pontificado. Líder religioso era por eleição. Engraçado é que era um líder religioso e a eleição era fraudada com muito dinheiro. César entra na batalha eleitoral e vence. Todo mundo achou que nunca ia vencer, pois era um *outsider*. Sabemos como os *outsiders* são subestimados. Acharam que ele não ia vencer de jeito nenhum. César faz alianças muito inteligentes. Ele era um líder popular e era um soldado. Ele sabia se comunicar com as pessoas comuns. Ele consegue conquistar um grande coeficiente eleitoral e vence. Isso faz com que se deem conta de que precisam tomar cuidado com ele.

O chamado

Em um dado momento, existe uma reviravolta política e César volta a ser hostilizado. É assim que vai parar no oeste europeu, como governador de província distante. Até que, diante da estátua de Alexandre, tem esse chamado à vocação. Os governadores tinham a possibilidade de arregimentar um exército local. Ele aprendeu isso, porque foi o que ele fez. Ele se protegeu indo para um exército distante. César arregimenta um exército local e começa a fazer campanhas. Essas campanhas militares são memoráveis, pois é a partir delas que conquista outros territórios. César consegue conquistar a Gália, a atual França, e escreve o "Commentariū dē Bellō Gallicō" acerca da guerra. Mais além, conquista também uma parte de onde hoje é a Alemanha, um território cuja extensão total nunca esteve sob domínio de Roma. Depois, César alcança ainda outros êxitos. Suas campanhas militares são um sucesso e ele se torna um líder militar. Com isso, acaba recebendo o título de Imperator. Imperator era um título concedido para um grande líder militar. Este não é

um título que vem com a nascença, como o de líder político. É assim que César se destaca.

Plutarco vai mostrando que César era um homem que tinha paciência, e que, tal como Alexandre, também possuía a visão de longo alcance. Ele dá um ponto aqui e sabe que isso vai dar muitos resultados no futuro. César achou, diante do Alexandre, que estava devagar demais.

O Triunvirato

Nessa época, há uma espécie de convulsão na república romana, pois fica muito evidente que a corrupção está em todos os cantos. Como reação, os romanos começam a adotar como líderes alguns homens mais notáveis. É o caso do famoso senador Pompeu, de Crasso e de César, que assume como líder militar. Os romanos começam a exaltar esses líderes e, conseqüentemente, o senado perde poder. Os cônsules não valem mais nada. César chegou a se candidatar como cônsul. A princípio, não obteve êxito. No entanto, percebeu que isso não era necessário, pois havia outra alternativa. César fica amigo de Crasso, um homem muito rico, e de Pompeu, um homem ligado ao senado. Um líder militar, um homem rico e um político. Eles se unem. César consegue ficar amigo de Crasso e usar o dinheiro dele. Ele realiza mais campanhas militares e vai se destacando. Juntos, estrangulam o senado e dividem o poder entre si. É o chamado Triunvirato. Vir é home. É o governo de três homens. Nós poderíamos chamar de triarquia, são três reis. Os três passam a governar. Os republicanos, defensores do senado como a instituição da liberdade, protestaram. Dentre eles, Cícero se destacou. Ele defendia que a liberdade era garantida pelo senado. É justamente nesse momento que escreve as famosas “Catilinárias”, pois, um pouco antes, Catilina estava fazendo uma espécie de revolta contra o senado, a fim de se tornar um ditador. Cícero descobre esses planos e, como orador, expõe-os à população e ao senado, pondo fim à rebelião. Tenho para mim que, se fizermos uma analogia, é como o professor Olavo de Carvalho falando sem parar do Foro de São Paulo e do PT e um dia o povo acorda e percebem que aquilo é verdade, que está acontecendo e aí vai todo mundo contra. Enfim, Catilina acabou preso e condenado. Cícero, com sua capacidade oratória, conseguiu impedir que a república caísse. Contudo, poupou César, que parecia estar vinculado com a conspiração, pois ambos se respeitavam devido às suas qualidades literárias. César costumava dizer que era o segundo em oratória de Roma. O primeiro era o Cícero.

César dizia 'vocês têm de ter um pouco de paciência porque sou um homem de armas e o Cícero tem tempo para dedicar só a isso'. Olha como era metido. Em outras palavras, estava afirmando que só não era o primeiro porque, enquanto Cícero podia dedicar-se exclusivamente à oratória, ele também era um homem de armas. Assim, se só somente treinasse oratória, seria melhor que Cícero. Em outra oportunidade, inversamente, César poupa o Cícero também. Cícero protege o senado desse momento, mas, apesar de seus esforços, o senado se fragiliza de novo e se estabelece o triunvirato.

Embora Pompeu e Crasso não se entendessem, César se torna amigo dos dois. Com Crasso, César estabelece uma espécie de acordo econômico. Em alguns sentidos, Crasso financia a vida dele, o que fazia com que se sentisse devedor. Por outro lado, Crasso se sentia responsável pela brilhante carreira do César. Com Pompeu, César firma uma aliança familiar, ao casar sua filha com ele. Como essas alianças terminam? O termo 'erro crasso' vem justamente de um erro militar ridículo de Crasso. Ele invade uma cidade de forma imprudente, se olhar a geografia. Enfim, ele perde ridiculamente uma batalha e morre. Restam somente Pompeu e César. Acontece que morre a esposa de Pompeu, filha do César. Então, uma aliança se quebra porque morre o aliado. A outra, porque morre o motivo da aliança, que é a filha do César e esposa do Pompeu.

O ditador

Tem início uma guerra civil entre César e Pompeu, porque este, neste momento, começa a firmar uma outra aliança, com os senadores. 'Tudo bem, eu tenho mais poder, mas vou proteger o senado'. César começa parecer como uma espécie de agente revolucionário que quer destruir o senado. Existiam algumas proibições em Roma. Uma delas é que o sujeito não poderia, como líder militar, marchar na cidade de Roma. César desconsidera essa lei e marcha. O Pompeu tenta enfrentá-lo, mas, mesmo que muitas vezes em minoria, César consegue ter vitórias impressionantes sobre o Pompeu. Pompeu nunca pensou que ia perder para o César. Ele se sentia muito superior. Ele tinha o senado com ele e muito mais dinheiro, pois o dinheiro do Crasso havia findado. César, depois que consegue sobrepujar Pompeu, transforma-se em um ditador.

César proclama que a questão não é só salvar a liberdade, salvar a república romana, como os sofistas, como ele pejorativamente os chamava, defendiam. César

argumenta que é preciso restaurar a unidade romana, pois cada governador fazia o que queria e o senado já não mais governava. Ele acusa o senado de ser corrupto. César afirma que vai sanear essa situação, mas que, para restabelecer a unidade romana, precisa de mais poder. Além da unidade, declara precisar do poder de punir aqueles que discordassem de seu projeto. O poder de condenar à morte aqueles que discordassem de seus planos e medidas para Roma. Muitas pessoas aceitam seu discurso. Para o povo e para os soldados, César é o herói, o salvador, o homem contra a corrupção. Os romanos entregam o poder para ele. César altera algumas leis. Não havia uma constituição tal como temos hoje, mas uma espécie de direito romano já assentado. Para república romana, a ditadura só poderia durar um tempo emergencial de seis meses. César prolonga o período da ditadura, até que a transforma em uma ditadura perpétua. Então, refaz, quebra, uma espécie de ordem constitucional, tornando-se um ditador perpétuo. Neste posto, governou mais cinco anos.

O fim

Os amigos dele, observando sua fragilidade, tramam contra ele. Shakespeare, que leu Plutarco, conta melhor que este esse fato, de uma forma mais dramatizada. Sabemos que os amigos de César convocam uma reunião com o senado para que respeitasse ao menos algumas prerrogativas deste. Plutarco conta que sua esposa teve um sonho de que ele morreria em guerra. Ela o chama e pede que não saia naquele dia, porque estava com um mau pressentimento. César responde que precisa ir, pois tem uma reunião importante. Que deve satisfação ao povo, aos senadores. No caminho para reunião, César passa por uma multidão. Nela, um filósofo, entrega-lhe um bilhete. O filósofo em questão era professor particular do filho de um senador. O menino havia dado com as línguas nos dentes e declarado que César não duraria muito mais. O filósofo, que captou a mensagem, escreveu um bilhete, alertando César de que a reunião era uma armadilha. Embora tenha conseguido entregar o bilhete para César, este o guarda, sem ler⁵. Plutarco conta isso de uma tal forma. César não lê o bilhete, vai a reunião e é apunhalado por vários senadores. Sabemos que Brutus o apunhala pelas costas. O 'até tu, Brutus?' não está presente na obra de Plutarco.

⁵ Na França, por muito tempo, Plutarco foi matéria de escola. Na Primeira Guerra Mundial, os franceses tinham Plutarco na ponta da língua. Eles escreviam 'não é só nos dias de hoje que os homens importantes não têm tempo para ler os papéis importantes'.

Não é uma frase histórica, mas compõe a dramatização feita por Shakespeare. Brutus era amigo dele. César protegeu Brutus da morte em guerra, em julgamento. Ele salvou a vida do Brutus várias vezes. Plutarco narra dessa forma: enquanto os senadores estavam atacando-o, César não tentou revidar. Quando viu Brutus, desistiu. A alma dele acabou e ele se deixou matar. Temos a morte de César. O interessante é que Plutarco conta um pouco até depois da vida de César.

Quem é o herdeiro?

Nesse período final, nessa fase da ditadura, César tinha um amigo importante, o Marco Antônio, que se considerava o sucessor natural dele. No entanto, César deixou um testamento declarando que seu sucessor era Otaviano, um sobrinho que acabou sendo criado como filho adotivo dele. Então, quando ele falece, ainda há essa tensão de que será o seu sucessor. Marco Antônio afirma que o sucessor obviamente é ele. Otaviano diz 'não, sou eu'. A vantagem do Otaviano foi ter herdado a fortuna do César. Pois depois, claro, César acumulou uma fortuna. Quase a vida toda, César construiu sem muitos recursos. Só que neste momento, no fim da vida, já tinha recursos em abundância e uma tranquilidade de patrimônio. César tinha uma abundância de patrimônio notável.

Comentário: no período da ditadura?

No período da ditadura. Eu acho que ele estava preocupado, porque, na ditadura, acumula patrimônio. E Plutarco diz muitas vezes que, assim como Alexandre, ele não estava muito preocupado com riquezas e dinheiro. Ele faz o testamento e acumula riquezas. Eu interpreto que já estava pensando na formação do filho, porque percebeu que precisa de recursos para se formar também. Ele precisou ficar pedindo empréstimos constantes, sobretudo para o Crasso, mas pediu para outros igualmente.

As más línguas da época contavam que, certa vez, como não tinha recursos e meios para vencer uma guerra, César se tornou amante do rei por um tempo. Ou seja, diziam que ele havia se deitado com um rei tarado para subir na vida, ganhar recursos e vantagem. Plutarco tem uma interpretação diferente. Para ele, houve uma amizade entre ambos que permitiu a César, em vez de ter uma guerra, ganhar um aliado pela amizade e ficar hospedado em sua casa. As duas versões são plausíveis. Pensamos, normalmente, que, na época de Roma, os costumes eram outros. Eram outros, de

fato, mas os romanos zombavam muito. Mesmo na Grécia, em que algumas cidades tinham maior permissividade, havia ainda assim zombaria.

Foucault contou isso de uma forma diferente do que se entendia. Antes, tradicionalmente, contava-se da seguinte forma. Os costumes eram mais liberados, as pessoas toleravam tranquilamente e achavam normal acontecer homossexualidade, pederastia. A pederastia era o pedagogo. Gogo é o que conduz. Então, o pedagogo é o que conduz a criança. Hoje, usamos essa condução no sentido figurado, pois é uma condução intelectual. Na época, era conduzi mesmo. Pedagogo era o que leva para lá e para cá, o que cuidava do menino. Havia muitos casos de pederastia, sim, entre o escravo e aquele que ele está levando para lá e para cá. Isso era tolerado, mas, em Roma, zombavam como inferior aquele que se comportava como um grego. Mesmo na Grécia, Esparta dizia, zombando, que os atenienses eram delicados por se focarem somente na poesia e por fazerem trejeitos. Os atenienses, por sua vez, zombavam dos espartanos dizendo que só viviam se agarrando com os homens. Ao mesmo tempo que havia uma permissividade mesmo, e aconteciam esses casos, havia também a zombaria. Não existia o politicamente correto, neste sentido. 'Ah, não, existe isso como costume, mas você não pode zombar'. Existiam as duas coisas: o costume e a zombaria. Em Roma, a zombaria era um pouco mais forte até, porque quando o sujeito ascendia para a política, todo mundo acusava-o de ter tido um caso, justamente para diminuir, entre os mais moralistas, a sua visão. Existiam os moralistas, afinal, a religião romana previa muito o respeito à virgindade da mulher, respeito ao casamento. O catolicismo romano herda um pouco de Roma também. Tem o lado cristão evidentemente, a bíblia diz. O lado hebraico, o lado cristã. Mas também tem o lado romano. Eles tinham um certo respeito ao casamento. Então, acusar um político de fazer tudo pelo poder era uma maneira de corromper a imagem dele. Isso era feito com vários políticos. E fazem até hoje. Pessoas tentam denegrir a outras segundo seus hábitos sexuais. E não precisa ser de homossexualidade. Há várias maneiras, como a promiscuidade. De qualquer modo, quando você pega famílias que querem que os políticos sejam exemplos para os seus filhos, vão tentar votar naqueles que têm uma conduta mais ou menos adequada àquilo que desejam.

O que acontece com Otávio nesse período em que César faz com que suas riquezas sejam passadas para ele? Otávio se mostra inteligente também. Sábio e prudente. Ele não se mete muito com os poderes. Ao perceber que Marco Antônio está bravo com ele, cria uma rivalidade entre ele e um outro homem muito famoso e

forte, o Lépido. Ele deixa os dois brigando entre si enquanto, tranquilamente, vai se formando. Posteriormente, o Lépido vai morrer e sair de cena precocemente.

Marco Antônio vai se aproveitar de uma circunstância que havia sido por César. Não contei, mas há o episódio com a Cleópatra. Isso que Otávio fez, de aproveitar uma luta interna para fragilizar seus adversários, César tinha feito no Egito. Em vez de chegar guerreando no Egito, César percebeu que se apoiasse Cleópatra contra o irmão dela, teria uma aliada. Por isso, ele a apoia. Cleópatra sobe ao poder e eles viram amantes. Houve toda aquela história romântica. Tempos depois, Marco Antônio foi para o Egito e também amante da Cleópatra. Parece que César foi mais maduro do que ele, porque não misturou sua relação com a política e, após ajudar Cleópatra assumir o poder, foi embora. Só que Marco Antônio se encantou por ela. Cleópatra teve um filho com Júlio César. Sua intenção era ficar com Marco Antônio para que juntos unissem Roma e Egito. Assim, seu filho, herdeiro legítimo do próprio César, viraria uma espécie de imperador. Isso incomoda Otávio, pois, se acontecesse, Marco Antônio tomaria o poder e, posteriormente, iria transferi-lo para o filho da Cleópatra, criando uma dinastia. Há uma nova guerra civil entre Otávio Augusto e Marco Antônio - juntamente com a Cleópatra. Marco Antônio perde e Otávio mata os dois. Cleópatra morre com muito desgosto. Ela tinha aquela expectativa cultural de levar o Egito para Roma. A arrogância dela era alta, o que a fazia acreditar que a cultura egípcia prevaleceria. Não foi o que aconteceu. Otávio prevalece e a cultura romana também prevalece.

As virtudes e os defeitos

São levantadas, claramente, algumas virtudes e defeitos.

Primeiro, o desejo por glória. Esse desejo é algo semelhante entre os dois. Para mim, é um sintoma da vaidade. O único diferencial dessa vaidade deles para a vaidade que nós, meros mortais, temos, é que se trata de uma vaidade de uma personalidade mais madura. É uma vaidade que não quer só o aplauso e o gostar das pessoas. Eles queriam o resultado efetivo. Eles queriam o poder. Eles queriam colocar o seu nome na história. É diferente, mas é desejo por glória. Os dois eram doentes por isso.

Segundo, é a questão da temperança. Eles tinham temperança. Em muitos momentos, César segurou o seu desejo por prazeres. Inclusive, sua avareza, seu desejo por acumular riqueza, para que seu projeto funcionasse. É muito interessante, porque muitas pessoas pensam 'é só eu ficar rico que consigo o que quero', mas não é bem assim. Eu acumulo recursos, uso-os para minha formação e para chegar no que quero. Com isso, não estou dizendo que você tem que ser um conquistador brutal. Estou dizendo que eles dão demonstrações que nós podemos entender e usar de forma benigna. Podemos tirar a parte ruim e pegarmos somente a boa. Mesmo com recursos escassos, temos que perceber que um início de enriquecimento pode servir para você se formar em vez de ficar só usufruindo dos prazeres, para você adquirir cada vez mais. Se não, mais riquezas, pelo menos uma vida que dê a estabilidade daquilo que você quer fazer, do seu projeto, daquilo que você põe seu coração. Acho que essa é uma lição que tanto Alexandre quanto César dão. No fim das contas, eles acabam ficando ricos mesmo. Alexandre não fica, porque já era. Ele fica mais. César fica rico mesmo. Ele sai de uma situação modesta e fica rico. Ele era um soldado raso, um fugitivo, e se transforma em um imperador. Na verdade, em um ditador. César não era imperador, pois falamos que o império começa com Otávio Augusto. Augusto também é um título, meio que religioso. É um título divino. César marca, portanto, a transição. O nome dele se transforma em título, aí, depois, vira César.

Outra análise que podemos fazer é do caráter estudioso do líder. Às vezes, pensamos que são totalmente segmentadas as vocações do militar e do intelectual. Ele mostra que o estadista, o conquistador, aquele que tem maior sucesso na empresa de liderar, conquistar e, até, digamos assim, organizar, dar novas leis, novas regras, é aquele que tem estudo, porque tem perspectiva histórica. Ambos tinham isso. Essa ideia de que estavam vindo de toda uma história e partindo para lá. Isso é demonstrado no Alexandre quando olha para Aquiles. Ele carrega Aquiles com ele, com a "Ilíada". Isso é demonstrado pelo Júlio César quando olha para Alexandre. Ele conhecia a história de Alexandre, admira a estátua e se vê diminuído por ela. Olhem essas sutilezas. É a mesma coisa que faz o pintor que pega um detalhe ou outro para mostrar um dado da alma. São sutilezas que mostram perspectiva histórica. Por isso, insisto que perspectiva história cria, também, capacidade de enxergarmos melhor o futuro. Eu acho isso muito importante. Essa temperança relativa, que tem uns vai-e-vens.

Há também a capacidade de formar bons amigos. Plutarco mostra que a lealdade, no caso de Alexandre, é que o fez chegar tão longe. Claro que, no final, ele cansou as pessoas. Alexandre teve um amigo muito próximo que um filme recente tenta demonstrar como se fossem um casal, eu acho isso irrelevante e o Plutarco também. De qualquer forma, eles foram muito amigos e mostra que essas amizades, essa lealdade, fizeram com que ele mantivesse a unidade de todos os exércitos. Por outro lado, no caso do César, um problema na amizade gera o seu assassinato. Então, a importância da amizade. Isso já é levantado por Aristóteles desde “Política” e “Ética”.

Espero que tenha ficado claro, na minha primeira exposição, o método do Plutarco, e também como o modo dele contar as vidas nos inspira a determinadas virtudes e nos chama atenção para determinados defeitos e como estes levam, também, à ruína. Tratamos aqui de dois conquistadores, estadistas. São pessoas com uma grandeza um pouco distante da nossa realidade. Quer dizer, eu não sei para quem estou falando. Às vezes, não é distante da sua. Mas eu não sou um conquistador, eu não tenho essa missão, mas, mesmo assim, essas leituras foram úteis. Como eu mencionei, os outros paralelismos, as outras vidas que ele estuda, são de pessoas com outras características. Então, há fundadores de cidade, legisladores, oradores, líderes populares, escritores. Plutarco coleta toda uma gama de biografados que representam categorias, sempre fazendo o paralelismo grego e romano. Alguns livros têm o comparativo. O comparativo, basicamente, são de três a cinco páginas de Plutarco pontuando as diferenças. Neste caso, imagino que pontuaria essa questão do início das vidas, muito diferente. Depois, a semelhança de que tiveram formação cultural elevada e perspectiva histórica. Depois, as virtudes que se equiparam. Ele mostraria a temperança, a paciência, o respeito ao sagrado. Plutarco também mostraria algumas dessemelhanças nos defeitos. O defeito do César de ser mais cruel. Em relação às amizades, também, César descuidou mais. No caso do Alexandre, embora tenha descuidado menos, era tão obstinado que acabou cansando até os seus melhores aliados. Mas, ele conseguia repor o seu exército graças àquela tática. Plutarco faria essas comparações, de três a cinco páginas, levantando virtudes e defeitos, características positivas e negativas, em que se assemelhavam e em que se diferenciavam.

Eu espero que essa cultura clássica volte a ser cultivada aqui no Brasil, pois acho que é formativa. Ela traz de novo essa reflexão de como é importante o chamado

de atenção para esse defeito ou para essa virtude na formação do caráter de um jovem, de uma criança. A importância dos estudos. A importância da leitura de um livro, que vai fazê-lo lembrar de episódios importantes a vida toda. Tudo isso está saindo de modo e temos que fazer com que volte à moda.

PERGUNTAS

- 1) Da questão, do começo, de não poder marchar dentro da cidade, é uma linha pelo rio. O império romano tinha essa linha, que existe até hoje, de onde nenhum exército, nenhum militar, poderia passar. Eles excluía todos militares de poder entrar na cidade ou só de marchar?

Eram os militares, em exercício, marchando, porque, na marcha, você está com o exército formado. A regra era essa: desarmado, vestido de civil e sem a organização de uma fileira militar, você pode ir para a cidade tranquilamente. Se não parece que estão expulsando os militares da cidade. Não é essa a ideia. A ideia é que você não pode estar vestido como militar e marchando.